

MEXIDA NO TABULEIRO

* Roberto Rodrigues

A indicação do novo Secretário de Agricultura dos Estados Unidos, Tom Vilsack, representa uma nova e importante peça no tabuleiro mundial da agroenergia.

Ele vem fazendo um discurso muito favorável à redução/eliminação da tarifa sobre o etanol brasileiro, evidentemente por causa da incapacidade que os produtores norte-americanos terão de gerar etanol de milho (ou de celulose) suficiente para atender à demanda determinada por lei, no médio prazo 136,3 bilhões de litros até 2022.

O secretário foi governador de um estado – Iowa – muito importante para a produção de milho e de etanol, e trabalhou com eficácia, quando exercia aquela função, para promover a competitividade dos seus agricultores. Claro que, para isso, os subsídios elevados têm sido fundamentais em ambos os produtos (milho e etanol).

É óbvio que tarifas inibindo a entrada do nosso etanol nos Estados Unidos são também um importante fator para defesa dos agricultores de lá.

Por isso, não é provável que o novo secretário trabalhe desde já pela queda das tarifas. Aliás, seria um fato curioso, na medida em que o discurso de campanha do chefe dele – o Presidente Obama – foi da manutenção das tarifas.

Outro fato, a queda dos preços do petróleo, também não estimula a competitividade do etanol americano. Ao contrário, derruba-a. Por isso, enquanto os preços do petróleo não se estabilizam, livres da gigantesca especulação que os elevou a 140 dólares o barril, dificilmente o governo americano reduziria o protecionismo dado a seus produtores. E, para fazê-lo, terá que passar por um congresso de maioria democrata e protecionista.

Sendo assim, é de se supor que o governo recém instalado nos Estados Unidos não mude muito as regras vigentes. Mas, de qualquer forma, o Secretário Tom Vilsack é muito bem vindo, porque é um defensor da criação de um mercado forte para os biocombustíveis, e isto nos interessa muito. E, como Obama quer aumentar bastante a produção de energia renovável no país, o espaço para isso está dado.

Mas não é só nos Estados Unidos e na OPEP que existem novidades importantes para o etanol: a diretiva aprovada pela União Européia para os biocombustíveis acabou saindo melhor do que se imaginava. Embora com restrições, está decidido que a União Européia usará 20% de energia renovável na matriz energética até 2020, sendo metade para o setor de transportes, ou seja, deverá substituir 10% dos combustíveis fósseis utilizados pelos veículos (estimativas na Única apontam para um mercado potencial de 10 a 14 bilhões de litros em 2020).

Isto reabre a expectativa de o Brasil montar com a União Européia um acordo similar ao que já temos com os Estados Unidos, para produzir etanol na África.

E isto nos dá uma grande oportunidade de vender para eles tudo o que acumulamos nestes 35 anos de Proálcool: conhecimento, tecnologia agrícola e industrial, equipamentos industriais, projetos de logística, legislação adequada

(para mistura, para propriedade intelectual e para uso da terra), consultorias em todas as áreas e carros flex.

E tudo isto contribuirá para construir o mercado que todos desejamos.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal**